

# XXXI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



## [Com/Con]tradições na História da Arte

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade Estadual de Campinas

Outubro 2011



## **Duas pinturas barrocas no convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro**

Maria Beatriz de Mello e Souza

Professora Adjunta IV, Instituto de História

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Convento dos Frades Menores dedicado a Santo Antonio é conhecido sobretudo por sua igreja, a mais antiga da cidade do Rio de Janeiro.<sup>1</sup> Foi construído no Largo da Carioca em 1608-1628. As modificações neste Convento foram tantas que diversas obras de arte mais antigas cederam lugar para outras intervenções de pouco interesse. Chamam a atenção, neste contexto, duas pinturas que se encontram no refeitório dos frades. Por um lado, o valor artístico e estético das obras se destaca diante da raridade de pinturas sofisticadas na América portuguesa, onde a arte da escultura predominava. Por outro lado, o valor histórico e religioso das pinturas também justifica que sejam escolhidas como objeto de estudo. Trata-se de obras alegóricas, que revelam uma erudição extraordinária em termos de teologia e, em particular, mariologia.

O objetivo deste estudo é analisar a iconografia das duas pinturas franciscanas de maneira a compreender os seus significados. Pretende-se, assim, suprir uma deficiência na historiografia, que até agora só produziu um estudo preliminar a respeito de uma destas obras, em

---

<sup>1</sup> Ver Basílio Röwer, *O Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro. Sua história, memória, tradições*. Rio de Janeiro, 1937 (2ª edição).

1942.<sup>2</sup> Este propõe 1656 como data de sua execução. Não conhecemos a autoria, a procedência e a época de criação das pinturas de estilo barroco. Através do estudo iconográfico, pretendemos aproximar a história da arte cristã e a história das idéias teológicas, lembrando que Jean-Claude Schmitt considera esta abordagem complementar indispensável.<sup>3</sup>

As duas pinturas são centradas na Imaculada Conceição da Virgem Maria, considerada fundadora das ordens franciscanas juntamente com São Francisco de Assis (1181-1226). Figura de devoção franciscana também na América portuguesa, ela foi eleita padroeira da Custódia franciscana do Sul do Brasil, que em 1675 tornou-se a Província autônoma da Imaculada Conceição. No complexo franciscano do Rio de Janeiro há três altares com esculturas da Imaculada em madeira policromada.<sup>4</sup> Esculturas eram objetos de devoção por excelência; eram o alvo, por exemplo, de práticas freqüentes como a recitação da litania mariana e das orações do rosário. As duas pinturas, por sua vez, são obras eruditas. Seus significados eram acessíveis àqueles que conhecessem teologia e hagiografia medieval; suas inscrições em latim

---

<sup>2</sup> Hannah Levy, "A Pintura Colonial no Rio de Janeiro", in *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1942, N°6, pp.7-80. A segunda pintura estudada é abordada por Levy nas páginas 44-51.

<sup>3</sup> Cf. "L'Occident, Nicée II et les images du VIIIe au XIIe siècle" in F. Bœspflug et N. Lossky (Ed.), *Nicée II, 787-1987. Douze siècles d'Images Religieuses*, Paris, Cerf, 1987, p.271.

<sup>4</sup> Na igreja do Convento dos Frades, ela é titular de um dos dois altares da nave, ornamentados nos anos 1620-30. A primeira capela da Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Assis, cuja construção foi iniciada em 1619, com a Ordem recentemente implantada, é dedicada à Imaculada Conceição. A imagem da padroeira encontra-se, portanto, sobre o altar mor. A segunda capela da Ordem Terceira, iniciada em 1653, apresenta uma escultura da Imaculada no primeiro plano do retábulo sobre o altar mor.

provavelmente só podiam ser lidas por frades. Este estudo iconográfico procura averiguar como as pinturas refletem idéias mariológicas que marcaram o cristianismo desde o século XIII.

As pinturas apresentam dois personagens em comum: a protagonista é a Virgem Maria, sob a invocação de sua Imaculada Conceição e, ao seu lado, o Beato João Duns Escoto (1266?-1308), franciscano inglês. Para compreender porque este teólogo é representado ao lado desta figura de devoção, é preciso focar a história do cristianismo no século XIII.<sup>5</sup>

Em primeiro lugar, o que significa a Imaculada Conceição? De acordo com a teologia católica, os únicos descendentes de Adão e Eva que estariam isentos da mácula do pecado original seriam Jesus Cristo e sua mãe. De acordo com o pensamento de Agostinho de Hipona, esta mácula seria transmitida de geração em geração através do ato sexual reprodutor. Maria concebeu Jesus de forma virginal; Maria, por sua vez, também teria sido concebida de forma assexuada pelo abraço de seus pais, Joaquim e Anna. O privilégio desta isenção de pecado em um ser humano só poderia ser explicado pelo papel de maternidade divina atribuído a Maria. Deus haveria de ter querido a mais pura entre todas as mulheres para ser mãe de Seu único Filho.

A complexidade da idéia teológica não impediu a Conceição Imaculada de Maria de se tornar um culto

---

<sup>5</sup> O culto, a doutrina e a iconografia mariana na Idade Média e na Contra-Reforma são analisadas em Maria Beatriz de Mello e Souza, *Les images de l'Immaculée Conception dans le monde luso-brésilien: leur culte et leur signification (XVI<sup>e</sup>-XVII<sup>e</sup> siècles)*, 3 vols., Tese de Doutorado, Université de Paris - Panthéon Sorbonne (Paris I), 1996.

popular. A festa da *Concepção de Maria* começa a ser celebrada em Portugal pelo menos desde 1320. A celebração litúrgica ocorre na data que antecipa, em 9 meses precisos, a festa do nascimento de Maria: 08 de dezembro.

Um dado essencial para a compreensão da iconografia imaculista das duas pinturas é que a doutrina mariológica foi alvo de grandes polêmicas mesmo entre católicos. Muitas destas polêmicas prolongaram-se do século XII até a proclamação do dogma da Imaculada Conceição em 1854. Os franciscanos tiveram um papel de destaque liderando o grupo de eclesiásticos a favor da doutrina imaculista; os dominicanos, por sua vez, propunham outras idéias de santificação para Maria. O dominicano São Tomás de Aquino (1226 ?-1274) propôs que Maria teria sido santificada, mas não imaculada desde o primeiro instante de sua concepção.

Duns Escoto se opôs à teoria tomista. Suas idéias retomam as de São Máximo de Turim (século V): Maria foi designada como um receptáculo digno de ser Mãe de Deus através da graça original. Escoto defendia a *praeredemptio*, quer dizer, que Maria foi preservada do pecado original desde o momento de sua concepção. As razões profundas desta preservação do pecado se desdobravam dentro de um pensamento lógico: Deus pôde conceber Maria imaculada, pois tudo é possível para Deus. Ademais, Deus deveria fazê-lo para que seu Filho pudesse se encarnar em Maria, o tabernáculo mais puro. Assim sendo, Deus fez Maria imaculada desde o primeiro instante de sua

concepção. A questão se resumiria assim: “*potuit, decuit, ergo fecuit*”. Como refutar a vontade de Deus, quando Ele queria apenas o melhor para a Incarnação de Seu Filho? Duns Escoto tornou-se o herói da Universidade de Paris, o maior centro de estudos teológicos da época.

O pensamento deste franciscano foi valorizado como fundamento de sua Ordem. A Imaculada Conceição veio a ser honrada como fundadora das Ordens franciscanas ao lado de Francisco de Assis. Na América portuguesa esta posição de honra aparece em várias obras legadas pelos séculos XVII e XVIII: documentos impressos e manuscritos, relatos de rituais franciscanos como as procissões e na iconografia das esculturas e pinturas.

Após quase um século de disputas, os partidários de Escoto foram vitoriosos na discussão sobre a doutrina imaculista na Universidade de Paris. A partir desta vitória, os Frades Menores passaram a compor a Ordem imaculista por excelência, obscurecendo o fato de os beneditinos terem inaugurado esta devoção no Ocidente bem antes da fundação da Ordem seráfica. Os franciscanos só viriam a compartilhar o papel de defensores da doutrina da Imaculada Conceição mais tarde, com os jesuítas.

A partir desta vitória, todos os estudantes que quisessem colar grau na Universidade de Paris seriam obrigados a jurar defender a doutrina imaculista com o preço de sangue, se preciso fosse. Esta obrigação também foi adotada pela Universidade de Coimbra de 1646 a 1910. No Brasil colônia, encontramos ainda a associação entre o saber teológico e a devoção imaculista na preocupação

de Dom Frei Antonio de Guadalupe († 1740), visitador apostólico. Este bispo fez uma lei mandando celebrar missa diária às cinco da manhã no altar da Imaculada Conceição no Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro “para os colegiais se afeiçoarem a esta devoção e a tomarem por Patrona de seus estudos”.

Fora do âmbito da autoridade acadêmica, a doutrina da Imaculada Conceição continuou a ser alvo dos debates teológicos nos séculos seguintes, levando alguns contestadores a serem excomungados ou presos. Os dominicanos acusavam os franciscanos de heresia, mas estes beneficiavam-se com a simpatia da população.

Mesmo os papas foram obrigados a intervir para manter a paz. No Concílio de Basiléia (1438) Felix V declarou a doutrina da Imaculada Conceição como um ensinamento oficial da Igreja, um “dogma”. Como a Igreja estava dividida nesta época, ele foi deposto pouco depois como anti-papa. Sixto IV <sup>3</sup>/<sub>4</sub> o papa franciscano que havia aprovado o ofício da Imaculada Conceição em 1474 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> tentou impor o silêncio sobre a questão em bulas de 1482 e 1483.

A historiografia da Imaculada Conceição legou muitas páginas sobre a importância do tema no âmbito eclesiástico, mas silenciou-se sobre uma transformação essencial que ocorreu a partir da explanação de Duns Escoto. Antes deste teólogo, a doutrina imaculista tinha como base a noção agostiniana do pecado. Com Escoto, a pureza de Maria não depende mais de *leis de transmissão da mácula do pecado original*, que encontraram uma isenção na forma

asexualizada em que foi concebida. Sua pureza passa a ser explicada pela *lei de Deus*: Sua onipotência e, sobretudo Sua vontade. A vontade de Deus de transformar Maria em um ser predestinado permanecerá no âmago da doutrina imaculista, com duas conseqüências principais. Em primeiro lugar, Maria aparece como um ser extraordinário, a eleita de Deus. É na relação entre Maria e Deus que se encontra a razão profunda de sua Concepção Imaculada. A outra conseqüência da teoria de Escoto foi que Maria ganhou destaque no plano de redenção enquanto Mãe Imaculada do Messias. Esta exaltação foi alvo de críticas vorazes de reformadores protestantes do século XVI.

Estas duas conseqüências encontram um reflexo importante na arte mariana. A representação da Virgem com seus progenitores, Anna e Joaquim, comum desde o século XII, tornou-se menos importante. Para ser representada como a Imaculada Conceição, Maria passa a assumir mais as feições de filha de Deus Pai (cuja vontade lhe garantiu a pureza predestinada), esposa do Espírito Santo (de quem concebeu) e mãe de Jesus Cristo, o papel essencial que explica sua pureza.

A iconografia da Imaculada Conceição é a mais complexa de todas as representações marianas, e exige algum conhecimento da Bíblia para ser plenamente apreciada. Um modelo iconográfico foi cristalizado na Espanha para a Imaculada no fim do século XVI a partir de uma complexa síntese de dois tipos iconográficos: a Mulher vestida de Sol (Apocalipse de João, 12) e a Virgem das Litanias. Os elementos mais recorrentes da Mulher do

Apocalipse são os raios de sol que lhe vestem, a coroa de doze estrelas e, sob seus pés, um crescente de lua e o dragão ou serpente. Nas duas pinturas estudadas, Maria é coroada por estrelas; na segunda pintura ela pisa um crescente de lua e é envolta de raios de sol. Os elementos mais recorrentes da Virgem das Litanias são as mãos postas em oração e os atributos bíblicos que costumam ser apresentados à sua volta. Representam elementos naturais e artificiais, sobretudo do Cântico dos Cânticos que, assim como na recitação da Litania de Maria, evocam sua pureza e virgindade. Às vezes, Deus Pai é representado abençoando a Imaculada.

A primeira pintura apresenta a Imaculada Conceição entre Duns Escoto, São Miguel Arcanjo e outros anjos. O manto de Maria é azul e seu vestido branco. Com sua mão direita aponta para Miguel; a mão esquerda repousa sobre seu peito.

Uma inscrição no canto direito inferior da tela parece revelar o seu significado maior. É sustentada por um anjo segurando também um livro: *[VIRGO?] [IMACUL?]ATA DA MIHI VIRTUTEM CONTRA HOSTES TUOS*. Apesar da inscrição estar um pouco apagada, é possível decifrá-la porque ela se apresenta em outras pinturas franciscanas, como a da igreja do Convento dos Frades em Salvador. Duns Escoto, ao olhar com ternura para sua figura de devoção, a Virgem Imaculada, pede virtude contra os inimigos dela. Sem conhecer a história do cristianismo nos séculos XIII-XIV, seria difícil compreender que a inscrição se refere aos opositores da teoria da Imaculada Conceição.

Dois elementos típicos da Contra-Reforma aparecem na iconografia desta pintura. O primeiro é a presença enfática do livro no primeiro plano. Foi através da exegese bíblica que Duns Escoto chegou à sua explanação sobre a pureza de Maria. O livro seria uma espécie de resposta não apenas a uma crítica dominicana, digamos, mas também a uma protestante que contestasse que os franciscanos estariam propondo uma devoção sem justificativa, alegando haver poucas menções a Maria na Bíblia.

O segundo elemento é a presença de São Miguel Arcanjo. Mais do que outros anjos, Miguel ganha um papel de destaque na arte da Contra-Reforma, por várias razões. Sua proximidade a Maria nesta pintura explica-se por ter sido ele o protetor da mulher prestes a dar à luz de um dragão (Apocalipse 12). Esta mulher foi identificada primeiro como sendo a Virgem Maria, e depois como sendo especificamente a Imaculada Conceição de Maria. Miguel usa atributos que não são mencionados no Apocalipse: uma lança e um escudo pintado com um lírio. O lírio é o atributo clássico da pureza de Maria (Eclesiastes 50,8 e Cântico dos Cânticos 2,1-2). É tradicional na iconografia da Anunciação, por exemplo. O lírio revela a raiz da discórdia entre cristãos: a defesa da pureza de Maria.

Porque representar uma figura bíblica na mesma cena em que se encontra um teólogo franciscano ? O santo arcanjo é um modelo bíblico de destaque para Duns Escoto; assim como ele venceu o dragão, o franciscano vencerá também seus opositores. A prova da vitória é disto é a palma que o anjo parece entregar a Escoto. Existe

uma complementaridade entre o arcanjo e o franciscano: uma vitória no céu, com armas, outra vitória na terra, com palavras. Sobretudo, é uma exaltação do beato franciscano que passa a fazer parte de uma tradição bíblica, ou seja, consagrada: através da imitação e da continuidade, Duns Escoto renova o gesto do santo arcanjo. Ele é o novo defensor da pureza daquela que se tornou Mãe do Salvador.

A segunda pintura apresenta a Imaculada Conceição entre numerosos personagens: Deus Pai, o Espírito Santo, dez anjos, Duns Escoto, e onze outras figuras ligadas à hagiografia franciscana. O manto de Maria é azul e seu vestido parece ter sido vermelho. A mão esquerda repousa sobre a direita, ambas apoiadas sobre seu peito.

Ao ler a pintura de cima para baixo, enfocando o seu eixo central, a primeira figura representada é a de Deus Pai. Com sua mão direita segura uma inscrição em latim onde se lê: *PRÆSERVASIO TEMPORALIS*; na mão esquerda: *PRÆSERVATIO ÆTERNA*. A preservação em questão é aquela do pensamento de Duns Escoto, de caráter predestinado. Embaixo da figura de Deus Pai há um pano claro sustentado por dois serafins onde se lê a inscrição: *FECIT POTENTIAM IN BRACHIO SVO* (Lucas 1,51). A Imaculada Conceição fala em latim ao retomar as palavras do *Magnificat*. Logo abaixo avistamos a pomba branca que simboliza o Espírito Santo. Estas duas figuras da Trindade parecem abençoar Maria, representada logo abaixo.

Os outros personagens seguram inscrições em latim que permitem identificá-los. Há dez anjos em volta da

Imaculada, glorificando-a. Os cinco anjos do lado esquerdo da tela são: *ARCANGELI, DOMINATIONIS, POTESTATES, CHERUBIM, SERA...*; os da direita são: *ANGELI, TRONI, PRINCIPATUS, VIRTUTIS, SERAPH...* . Os anjos da esquerda têm a mão esquerda sobre o peito; é um gesto que reflete o da Rainha dos Anjos, uma invocação mariana valorizada por São Francisco de Assis e suas Ordens. Desde que recebeu a impressão das chagas, após uma visão de Cristo com asas de serafim, o santo e sua Ordem são chamados de seráficos.

O significado da pintura revela-se em duas inscrições no eixo central de sua composição. Sob o crescente de lua aos pés da Imaculada Conceição, encontra-se uma cruz entre dois braços sobrepostos também em forma de cruz. O braço nu de Jesus Cristo, estendido da direita para a esquerda segura a inscrição com *TOTA PULCRA EST MARIA*. O braço de São Francisco de Assis, trajando o seu hábito, estendido no sentido oposto, completa a inscrição: *ET MACULA ORIGINALIS NON EST IN TE*. Trata-se de uma passagem essencial para a doutrina imaculista, baseada no Cântico dos Cânticos 4,7, onde o texto bíblico sofreu alterações: *MARIA* substituiu *AMICA MEA* e foi acrescentada a palavra *ORIGINALIS*. Ambas as alterações servem para especificar: Cristo afirma que a mulher bela é Maria (e não simplesmente a Sulamita, do Cântico); Francisco aclama que ela é isenta de mácula do pecado original (e não uma mancha qualquer).

A outra inscrição crucial encontra-se em um pano claro sob os dois braços referidos. Agora é a própria Imaculada

que fala em língua castelhana: *ES MI PUREZA ESCOGIDA / DE ESTOS BRACOS APOYADA / POR EL UNO PRESERVADA POR EL OTRO DEFENDIDA*. A mensagem é muito clara: a pureza de Maria é eleita, preservada pelo seu Filho e defendida pelas ordens fundadas pelo santo de Assis.

Há doze beatos e santos que tiveram um papel de destaque entre estas ordens; cada um é identificado por uma inscrição que segura com a mão direita. Num perfeito equilíbrio, há três homens e três mulheres de cada lado da Imaculada. Cada mulher segura um coração em chamas com a mão esquerda. De cada lado, um escritor franciscano importante na área de mariologia: além de Duns Escoto, a Abadessa concepcionista Maria de Jesus de Agreda (1602-1665).

Do lado esquerdo da pintura: *S.CLARA, S.HELISABETRHUNGARIAE, SORMAIESUDEAGREDA*. E, na fileira abaixo: *S. BERNARDINUSSENCNSIS, S.BONAVENTURA CARD., S. ANTONIO*. Abaixo, no primeiro plano da pintura, o papa *ALEXANDER VII* com um manto vermelho e com um coração em chamas na mão esquerda. Ele ajoelha-se diante da Imaculada e sua tiara está no chão. Como seu pontificado foi de 1655 a 1667, a pintura foi executada provavelmente neste período.

Do lado esquerdo da pintura: *S. AGNES, S.HELISABETRP, SORM<sup>A</sup>SSSACRAM<sup>TO</sup>*. E, na fileira abaixo: *S.SCOTUS D<sup>OR</sup> SUBTIL, S. LUDOVICUS EPISCOUS* e *VP.NICVLAUS FACTOR*. Abaixo, no primeiro plano da pintura, o Rei de Portugal *IOANNES IIII RP*

(1604-1656) com um manto real. Ele ajoelha-se diante da Imaculada e seu cetro e sua coroa estão no chão. O fator que mais propiciou a difusão do culto imaculista no mundo lusitano foi a escolha feita em 1646 por D. João IV de uma padroeira que protegesse a monarquia, o reino e suas colônias. Assim como em outros reinos ibéricos, foi escolhida a Imaculada Conceição. A segunda metade do século XVII e as primeiras décadas do século XVIII testemunharam o apogeu do culto imaculista no mundo luso-brasileiro.

Seria simplista supor que o primeiro plano da leitura representa apenas os poderes espiritual e temporal homenageando a padroeira. É preciso lembrar que as ordens franciscanas permitiram esta aliança entre *regnum* et *sacerdotium* que destacou os reis católicos da Espanha aos olhos dos papas. Raimundo Lull, a Rainha Isabel de Hungria e a Rainha Isabel de Portugal eram todos da Ordem Terceira franciscana. O Frei F. X. de Cisneros gozou da intimidade dos reis católicos; Felipe III (†1621) foi enterrado com hábito franciscano e Felipe IV manteve uma correspondência com a Abadessa de Agreda. A influência franciscana foi decisiva entre monarcas ibéricos, e Dom João IV manterá esta tradição depois de restaurar a independência de Portugal em relação aos Habsburgos. Duns Escoto seguiu o exemplo bíblico de Miguel Arcanjo, e após 1646 Dom João IV seguiu o exemplo do franciscano: prometeu defender a Imaculada Conceição até com risco de vida.

